

MULHER EM MOVIMENTO

Ano XXIV nº 46 Janeiro de 2015

SINDICATO
DOS BANCARIOS
DA BAHIA

Departamento
de Gênero

CTB

FEEB
FEDERAÇÃO DOS BANCARIOS
DO BRASIL NA AMÉRICA DO SUL

DEMOCRACIA

melhordoplaneta.blogspot



A participação crescente na discussão dos destinos políticos do País fortalece a democracia. A livre manifestação é conquista do povo brasileiro

No dia 1º de janeiro, o Brasil iniciou mais um capítulo histórico de sua trajetória democrática. A jovem democracia brasileira vive um recorde histórico. O País nunca teve sete eleições presidenciais diretas consecutivas sem rompimento da ordem democrática e com a posse do vencedor.

A posse da presidenta Dilma

Rousseff é um marco histórico, especialmente para as mulheres. Neste segundo mandato, mais ainda, é fundamental que toda a sociedade esteja mobilizada e atenta, para garantir que a democracia seja cada vez mais fortalecida. Dilma foi eleita em outubro de 2014. Foi a sétima disputa para o Palácio do Planalto com voto direto dos brasileiros.

Vingança de borboleta

Meu casulo se abre
Em anseio de vingança
Uma vingança
esperançosa
e... leeeeeenta.

O mundo cobra!
Cobra minha pressa,
Cobra produtividade
Cobra prisões...
A cobra envenena.

Eu me vingo com humor,
Preguiça e práticas de
liberdade:
Cores, sorriso, aromas
de infância,
Cantiga, pão, roda,
Café-com-leite,
brincadeiras
Histórias, baú, segredos
Pipa no céu, desordem
Invencionices (in)úteis.

Eis minha vingança:
Construir outro mundo.
Minhas armas???
>>>Asas de
borboleta<<<

Cilene Canda

Trabalhadores no Governo

Página 2

Feminicídio no Código Penal

Página 3

Licença Paternidade

Página 3

Política para Mulheres



A nova secretária Olívia Santana (3a de esq. para dir.) com artistas, na posse

A ex-vereadora Olívia Santana é a nova Secretária da SPM (Secretaria de Políticas para as Mulheres do Estado da Bahia). A transmissão de cargo foi no dia 5 de janeiro, ocasião foram prestadas homenagens às feministas Loreta Valadares, Ana Alice Costa, a ativista negra Lélia Gonzalez e a escritora Carolina de Jesus.

A nova secretária assinalou as expectativas para os próximos quatro

anos de gestão, afirmando que a vocação da Secretaria é grandiosa. Destacou como foco criar uma agenda política de enfrentamento à violência, de empoderamentos das mulheres, além de intermediar a abertura de oportunidades no mercado de trabalho e a geração de emprego. Enfatizou também a criação dos Centros de Referências nos Municípios e a parceria com outras Secretarias Estaduais.

Bancário na Setre



O bancário Álvaro Gomes, ex-presidente do nosso Sindicato e ex-deputado estadual (PCdoB), é o novo titular da Setre (Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte). A escolha feita pelo novo governador, Rui Costa (PT), foi anunciada no dia 16 de dezembro, pelo ex-governador Jaques Wagner.

Álvaro é diretor do Sindicato dos Bancários e foi presidente da entidade por três mandatos. Ao longo dos anos, participou de diversas mobilizações em favor da categoria e um representante importante no Legisla-

tivo. Autor, inclusive, de projetos de lei sobre a segurança bancária.

Álvaro tem uma trajetória relevante na luta pela inclusão social e combate à violência. Autor da Lei que estabelece 10 de dezembro como Dia da Cultura da Paz com Justiça Social e a do Novembro Roxo, que define o mês de combate aos cânceres de pênis e próstata no Estado. Na Assembleia Legislativa, foi deputado durante três mandatos, apresentou mais de 400 projetos de lei, e foi o parlamentar mais assíduo na Assembleia Legislativa.

EDITORIAL

Um ano novo com esperanças renovadas na luta é o que deseja o Departamento de Gênero a todos os bancários e bancárias e muita disposição para derrotar o machismo que oprime mulheres e homens. Que possamos vencer o preconceito, o medo que ainda acovarda a muitos e construir uma sociedade igualitária, justa, com mais prazer, poesia e respeito.

A luta é concreta, a discriminação às mulheres está nos espaços públicos e privados – no trabalho, em casa, na rua. Os homens ainda não foram suficientemente sensibilizados para cuidar da sua saúde (uma das perversidades do machismo) e os homossexuais continuam sendo mortos diariamente, discriminados sem que seus direitos sociais sejam reconhecidos.

O Jornal Mulher em Movimento inaugura uma nova fase nessa luta pela emancipação da mulher, a saúde do homem e a luta contra a homofobia, a partir de 2015 o nosso jornal passa a ter publicação mensal, ampliando assim as discussões que fomentam e aprofundam a necessária reflexão sobre as questões de gênero.

É a luta que movimenta a esperança!

Saudações a todos que lutam, lutaram e lutarão!

Alda Valéria
Diretora de Gênero

Ampliação da Licença Paternidade

A licença paternidade é tema presente nas campanhas salariais do Sindicato e recorrente nas pesquisas realizadas pelo SBBA. A questão é fundamental também para a emancipação do homem. A discussão sobre a ampliação desse direito se aprofunda na medida em que o conceito de família e cuidado dos filhos tem mudado muito nas últimas décadas.

A emancipação econômica das mulheres, o novo papel que os homens devem ter no contexto familiar e no cuidado dos filhos, a consolidação dos casamentos homoafetivos, entre várias alterações nos comportamentos e nas formações familiares, remodelam a estrutura patriarcal tradicional.

É urgente alterar a visão marcada pelo machismo onde o homem é visto como o provedor que se ausenta da casa e dos cuidados com os filhos, enquanto a mulher se responsabiliza por cuidar das tarefas domésticas, geralmente acumulando com o trabalho fora de casa.

A experiência de países mais avançados é exemplar. Na Suécia, a licença é parental, ou seja, são 480 dias de licença para o casal, sendo que cada um é obrigado a tirar pelo menos 60 dias, e o restante dividir como quiser. Na Alemanha, a mãe tem licença-maternidade de dois meses, e o casal pode requerer mais 12 meses e também dividir como quiser. No Canadá, o governo garante 245 dias de licença, a divisão dos dias fica a critério de cada casal. As famílias de baixa renda recebem um auxílio extra.



Portal Geledés

No Brasil, nos últimos anos, o conceito de família vem sendo amplamente debatido, revelando a necessidade de uma revisão conceitual e legal. A enquete realizada pela Câmara dos Deputados sobre o conceito de família já foi respondida por mais de quatro milhões de cidadãos e, até agora, a maioria discorda da definição de família exclusivamente como núcleo formado a partir da união entre homem e mulher.

Em fevereiro do ano passado, um casal de mulheres funcionárias de um banco privado conseguiu licença maternidade para ambas, e, em junho, pela primeira vez no Brasil, um homem em um relacionamento homoa-

fetivo, servidor público da Prefeitura de Recife, conseguiu 180 dias de licença maternidade.

É preciso criar políticas públicas efetivas para garantir equilíbrio e buscar uma licença paternidade cada vez mais próxima da destinada à mãe. Para isso, o reconhecimento da maternidade enquanto função social – e não uma atribuição de responsabilidade exclusiva das mulheres –, é condição fundamental para a conquista da autonomia social e econômica. Além disso, a paternidade ativa está sendo cada vez mais cobrada em nossa sociedade, mas a legislação ainda não acompanha essa evolução.

Tá acordado?



Feminicídio é o assassinato de mulheres tão somente por ser mulher. Suas motivações mais comuns são o ódio e o desprezo.

Código Penal atualizado para proteger a mulher

O Plenário do Senado aprovou, no ano passado, a inclusão do feminicídio no Código Penal como circunstância qualificadora do crime de homicídio. O projeto, que seguiu para votação na Câmara dos Deputados, estabelece o feminicídio como o homicídio praticado contra a mulher por razões de gênero, quando houver violência doméstica ou familiar, violência sexual, mutilação da vítima ou emprego de tortura. A pena defi-

nida pelo Código Penal é de 12 a 30 anos de reclusão. O projeto é oriundo da CPI Mista da Violência contra a Mulher. Parabéns deputada federal Jô Moraes, que turbinou a CPI da Violência na Câmara, e parabéns também à senadora Vanessa Graziottin que tem compromisso com a tramitação da pauta do Congresso.

Violência contra a mulher é questão de crime contra os direitos humanos.

A dimensão do machismo

Para uma mulher (pelo menos comigo foi assim) se dar conta da dimensão que o machismo tem é um choque devastador.

Ok. Ele sempre esteve por aqui e por ali. De uma forma ou de outra sempre esteve presente na vida da sua mãe, das suas amigas, na sua própria vida. Mas aí você lê a notícia de que no Irã uma mulher foi enforcada porque se defendeu do homem que a estuprou e pensa que sua vida é fichinha.

Você pensa que, ora, namorados que tentam regular o tamanho da sua roupa não é uma coisa tão problemática assim...

Mas é como acontece com o racismo: se não for assumidamente nomeado, então podem lhe fazer acreditar que não existe. Doenças silenciosas são sempre as mais devastadoras, não é mesmo?

Comigo e com outras mulheres que conheço foi exatamente assim: um dia você desperta completamente. Dói muito. Fica doendo todo dia. E quanto mais dói, mais você desperta, e quanto mais você desperta, mais dói.

O seu pai, o seu tio brother, os primos que cresceram com você, seu irmão, seu namorado, seu melhor amigo. É a parte mais difícil - ver o machismo nos homens que você sabe que amam você. Não aquele machismo padrão, das piadinhas de mulher que "só pensa em casar", do "olha lá não, pode ser vadia", do "eu te protejo e você me obedece". Os comportamentos naturalizados doem do mesmo jeito, mas a gente vai aprendendo a lidar.

Tem muita gente (mulheres e homens, de todas as orientações sexuais) que acham que é assim mesmo. Dar o nome certo a uma série de estereótipos e comportamentos padronizados me incomoda, mas não é a pior parte. A pior parte é se dar conta de que você vive sob uma lógica em que eles valem mais do que você. E que cada pedacinho da sua vida, e de todos os tipos de suas relações com todas as outras pessoas, está impregnado disto.

- Mas você vê machismo em tudo! (não é mesmo assustador?)

A minha fase 1 foi tristeza. A fase 2, raiva. Na fase 3 eu só falava disso. Aí teve uma hora que passou. Eu disse "ok, mundo misógino, você é mais forte que eu". Liguei o "foda-se" e fui viver a minha vida. Para minha sorte eu estava cercada de outras mulheres e homens (gays) que estavam despertando também.

Às mulheres machistas reservei o meu desprezo (e só depois entendi que era uma atitude extremamente machista da minha parte) e aos homens (os que deitavam na minha cama e principalmente os que moraram na minha vida) aprendi a dialogar, a explicar e também a ouvir e, muitas vezes, a relevar... A misoginia do mundo havia parado de me ferir.

De ferir-me mortalmente, pelo menos.

Mas aí a vida segue. E numa semana vai que você está mais sensível... Ou vai que a vida está te dando, de novo, vários choques de realidade. Vai que todos os homens heterossexuais



à sua volta resolvem lhe mostrar, ao mesmo tempo, que eles não estão nem um pouco a fim de entender nada.

Eu não chego mais àquele nível de tristeza do despertar. E não vejo mais sentido pra tanta raiva. E também não tenho mais energia pra tanto falar.

Nível 4 - cansaço. Absoluto.

Desisti de vocês, meninos...

(posso ouvir o coro de vozes masculinas perguntando "quem se importa...?")

Pois é. É disso que eu estou falando.



Bancárias tem grande participação nos debates

Entre nessa Roda

Mulher, Mídia e Mercado de Trabalho foi o tema da quinta edição do Roda de Conversa, evento já consolidado no calendário do Departamento de Gênero do Sindicato. O bate-papo reuniu a socióloga Petilda Vazquez, a médica Julieta Palmeira, e a pedagoga Arielma Galvão, no dia 25 de novembro do ano passado, como parte da programação da campanha mundial 16 dias de ativismo pelo fim da violência contra a mulher. A noite também contou com a participação do poeta e compositor Juraci Tavares.

A programação 2015 do Roda de Conversa começa em janeiro, tendo como foco a educação popular, com o mediador e educador Maurício Mogilka.